

Editorial

A Revista da Escola Superior de Guerra (ESG), neste número 59, agrupa textos cujo intento é divulgar os resultados acadêmico-científicos relacionados à Amazônia, assunto afeto a uma das linhas de pesquisa da ESG. Foi construído com base no trabalho de pesquisadores de várias latitudes do Brasil. O empreendimento foi longo e trabalhoso, ao mesmo tempo tão ínfimo diante da grandeza da Região Amazônica: nosso objeto de estudo nesta compilação abordado sob diversas nuances.

O exposto acima ratifica a intenção de reunir, fomentar e incentivar a pesquisa sobre estudos de fronteiras, monitoramento da região, questões indígenas, composição étnica, questão sanitária, questão ambiental, comércio, meios de transporte, recursos naturais, construção do espaço, interesses nacionais e internacionais e integração regional, entre outros.

O Estado brasileiro projeta poder sobre a Região Amazônica por meio de uma série de intervenções, tais como: o Projeto Calha Norte, com um viés econômico (promover a ocupação e o desenvolvimento ordenado da Amazônia Setentrional); a Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (ENAFRON), com um viés de segurança (ações contra criminalidade e tráfico de ilícitos); o Projeto Rondon, com um viés assistencial (ações sociais nas regiões mais pobres); e a operação Ágata, com ênfase na defesa (criada a partir do Plano Estratégico de Fronteiras, para prevenir e combater crimes praticados em pontos estratégicos do território nacional); além de outros projetos.

Gentil Floresta por tantos nomes denominada: Floresta Amazônica, Selva Amazônica, Floresta Equatorial da Amazônia, Floresta Pluvial ou Hileia Amazônica. É uma floresta latifoliada úmida que cobre a maior parte da Bacia Amazônica da América do Sul. Esta Bacia abrange sete milhões de quilômetros quadrados, dos quais cinco milhões e meio de quilômetros quadrados são cobertos pela floresta tropical. Esta Floresta abriga em e com sua fauna e flora nove nações: Brasil (60%), Peru (13%), Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa) com percentagens menores. A senhora das árvores, dos rios e dos animais representa mais da metade das florestas tropicais restantes no planeta e acolhe a maior biodiversidade de uma floresta tropical existente. É um dos seis grandes biomas brasileiros. Falar da Amazônia é de perder o fôlego e encher o peito de orgulho. Deixemos, portanto, que os nove textos que se seguem, cada um do seu jeito, embalem pela palavra a Amazônia.

Este número da Revista da Escola Superior de Guerra, dedicado à Amazônia, abre com o artigo *Concepções de Políticas de Defesa e Desenvolvimento da Amazônia de 1985 a 2006*, assinado por Humberto Lourenção. Nele faz-se a comparação entre os dois grandes programas de defesa da região desenvolvidos no período abordado no texto: o Programa Calha Norte (PCN), concebido na década

de 1980, e o Sistema de Vigilância da Amazônia (SIVAM), concebido na década de 1990. Segue-se outro texto que aborda a defesa da Amazônia num escopo mais amplo: *A Amazônia na Defesa Nacional: História das Fronteiras e Debates sobre a sua Internacionalização*, de autoria de Fernando da Silva Rodrigues. O artigo fala sobre a construção das fronteiras sul-americanas e as tão discutidas pressões sobre a internacionalização da floresta tropical e o quanto esses temas estão imbricados ao Estado de defesa nacional desde o início da colonização portuguesa. Ainda tendo como centro a defesa, o terceiro artigo intitulado *Entre o Crescimento Econômico e a Sustentabilidade Ambiental: Reflexos na Defesa nos Países Amazônicos*, escrito por Sérgio Ricardo Reis Matos, analisa a relação existente entre crescimento econômico e sustentabilidade ambiental inseridos nos documentos de defesa dos países da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica.

O quarto texto sob o título *A Amazônia Francesa: as Percepções Militares sobre o Departamento Ultramarino Francês na América do Sul e as Possibilidades de Cooperação em Segurança e Defesa na Fronteira Franco-Brasileira*, escrito por Adriana Marques, deseja mostrar que a França tem posse de parte do departamento ultramarino da Guiana, é um país amazônico e tem fortes laços com a América do Sul, logo, é um ator importante a ser ouvido nas questões ambientais contemporâneas. O assunto do quinto artigo – *A Modernidade de Belo Monte* – rubricado por Andréa Delfino Ferraz, ainda consta dos noticiários e as controvérsias em torno da construção da Usina Hidroelétrica de Belo Monte ainda está em voga. O texto põe na mesa de discussões a dinâmica dos conflitos por meio de artigos impressos e projetos governamentais, além de críticas efetuadas pelas organizações contrárias à obra.

O sexto artigo – *O Capitão Francisco de Paula Castro e a Presença do Exército na Expedição Científica de Karl von den Steinen ao Xingu em 1884* – subscrito por Marcos Paulo Mendes Araújo, registra as duas “visitas” de Karl no Brasil. Na ocasião, o pesquisador alemão foi apoiado pelo Governo brasileiro: tanto em recursos financeiros quanto militares, entre esses, destaca-se o prestigioso auxílio do Capitão de Infantaria Francisco de Paula Castro que inclusive escreveu um relatório ao final da expedição que foi apresentado ao Ministro da Guerra. O artigo subsequente denominado *O Levante das Forças do Exército e da Marinha no Amazonas no Ano de 1924*, escrito por Isabel Aragão, objetiva mostrar o estudo do levante das forças terrestres e marítimas na capital amazônica, Manaus: no Exército, o 27º Batalhão de Caçadores da 8ª Região Militar e, na Marinha, a Flotilha do Amazonas, no ano de 1924, e no que esse levante influenciou na Revolução de 1930.

Os dois últimos textos são transversais ao tema, mas com ele dialogam e com ele têm identidade. O antepenúltimo, com o título de *Migrações Femininas na Fronteira Amazônica: Reflexões a Partir do Conflito Armado Colombiano*, elaborado por Ana Taisa da Silva Falcão, denuncia, de certa forma, os processos de migrações forçadas de mulheres e meninas através da fronteira entre Brasil e Colômbia. Há

ainda a suposição de que haja violações sexuais sofridas pelas mulheres no marco do conflito armado colombiano. Caso sério que merece reflexão e atitude. Pelas Frestas Literárias: a Identidade Histórico-Cultural da América Luso-Espanhola e da África, de Maria Célia Barbosa Reis da Silva, é um texto baseado na obra *De olho nas penas*, da acadêmica Ana Maria Machado, que propicia uma viagem por três regiões com forte traço identitário. Ele entrou neste número porque o menino Miguel voa em sonhos pela terra dos rios, a Amazônia, e reconhece-a como sua terra. As fronteiras líquidas unem a América luso-espanhola, fazem-nos irmãos, cúmplices de uma mesma jornada, inclusive a de defesa da Amazônia, responsabilidade dividida entre as nove nações que devem ter o sentimento de pertencimento e proteção.

A Amazônia é pensada em nove textos, mostrando que a floresta está em nós, refletida no futuro que projetamos para o Brasil. Euclides da Cunha, certa feita em sua missão no Alto Purus, disse que, sem o objetivo firme e permanente de conhecer o interior inóspito, a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, se destacará do Brasil, naturalmente e irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa – pela expansão centrífuga do seu próprio movimento. Não tema, escritor de *Os sertões*, a Amazônia está 60% dentro das nossas fronteiras e 40% dentro de nosso imaginário. Ela não se destacará do Brasil, ela se destacará no Brasil.

Boa leitura!

Maria Célia Barbosa Reis da Silva